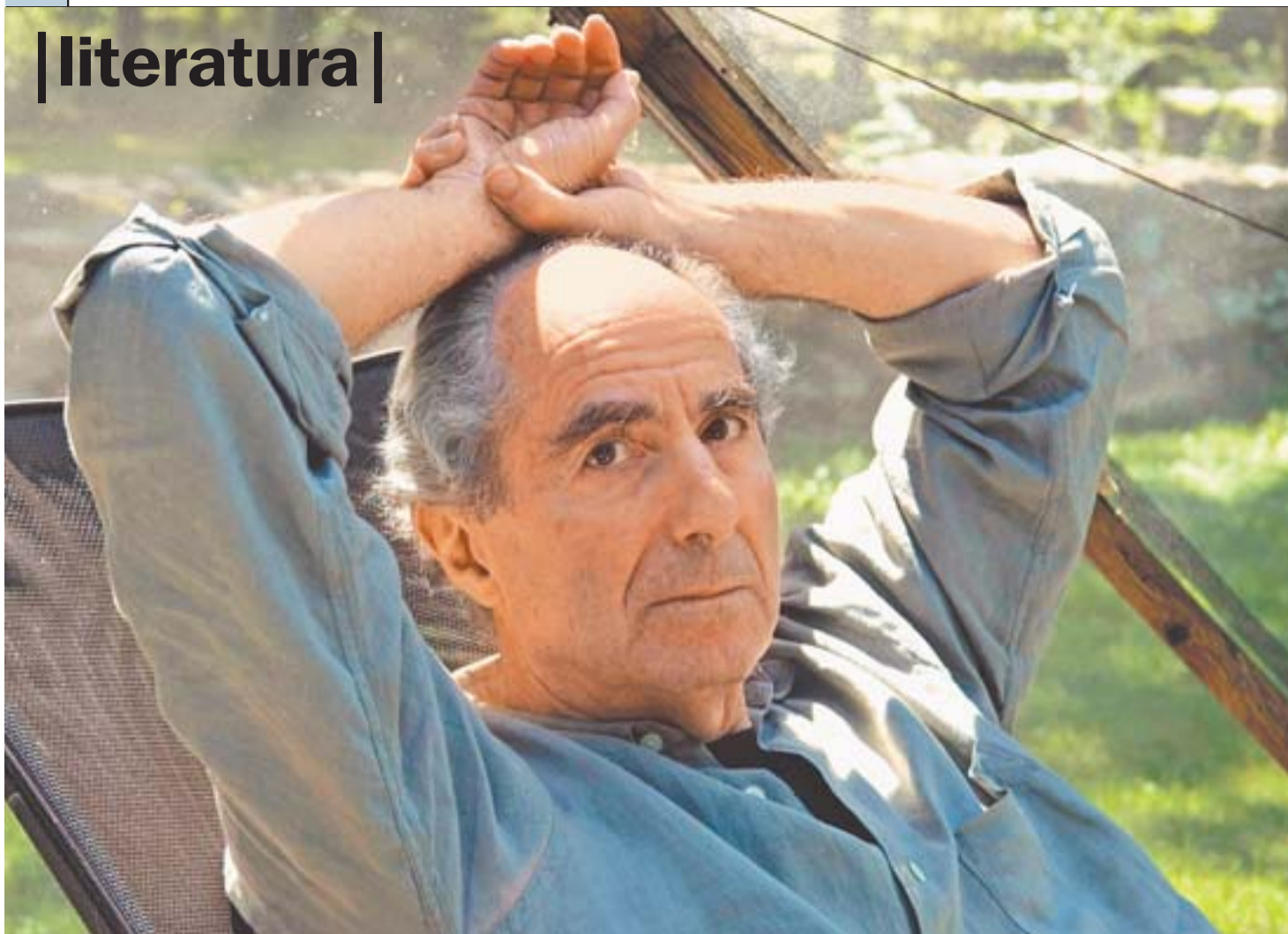


## | literatura |



DORIGAS HEALEY/AP/BO - 5/9/2005

# Resisto, logo existo

Chega ao Brasil "Indignação", mais recente livro de Philip Roth

**Philip Roth, 76** anos, em sua casa de campo em Connecticut (EUA)

## TICIANO OSÓRIO

Rejuvenescer, para os personagens de Philip Roth, não significa se afastar dos pensamentos de morte. No caso de Marcus Messner, protagonista de *Indignação*, ter 19 anos acabou por empurrá-lo para bem perto dos tipos anteriores do escritor americano – o sessentão David Kepesh, de *O Animal Agonizante* (2006), o anônimo septuagenário de *Homem Comum* (2007) e o Nathan Zuckerman de *Fantasma Sai de Cena* (2008), todos obrigados a lidar com a falência do corpo, já contando o tempo não pelo que passou, mas pelo que resta.

O jovem inteligente e intransigente também se verá às voltas com o epílogo da vida, matizado tanto no âmbito íntimo – na figura de uma garota suicida – quanto no plano da História dos EUA: a Guerra da Coreia (1950-1953).

*Indignação* é o 29º livro de Roth, 76 anos. Seu título, a um só tempo, resume a carreira do autor (revoltar-se é traço essencial de seus anti-heróis) e estabelece ponte com seu primeiro êxito, *O Complexo de Portnoy* (1969). Tal como Alexander Portnoy, Marcus Messner acha a palavra "indignação", tirada da versão em inglês do Hino da China, a mais bela de seu idioma. Tal como naquele clássico, aqui há um rapaz judeu

angustiado pelo sexo e pela família superprotetora, refratário à religião e irrefreável no ato de ejacular – não só física, mas sobretudo verbalmente.

Como se precisasse emprestar contemporaneidade ao enredo, Roth já contou que, ao escrever *Indignação*, ouvia sempre um programa de rádio no qual eram lidos os nomes de soldados com 19 e 20 anos caídos na Guerra do Iraque. Na trama, Marcus, filho de um açougueiro *kosher* (comida preparada conforme os preceitos do judaísmo), ingressa na universidade com o objetivo maior de escapar de ser um mero recruta na Guerra da Coreia. À certa altura, ele recorda:

"Visualizava as facas e os cutelos de meu pai sempre que lia sobre os combates de baioneta com os chineses na Coreia. Sabia quão assassina pode ser uma faca afiada. E sabia o que era o sangue, incrustando o pescoço das galinhas onde elas haviam sido ritualmente abatidas, pingando do pedaço de carne em minhas mãos enquanto eu cortava uma costeleta ao longo do osso."

Antes de evitar a guerra, porém, Marcus precisa fugir do pai, que passa a vigiar o filho temendo que as escolhas fortuitas da juventude impeçam um futuro tão ensolarado. O guri troca sua cidade, Newark, por uma faculdade distante 15 horas de carro: Winesburg, Ohio. Trata-se de uma dupla referência ao livro homônimo do escritor americano Sherwood Anderson, remetendo à solidão retratada nessa obra

– e vivenciada por Marcus no campus (indo mais longe, dá para comparar com o isolamento do próprio Roth na região rural de Connecticut). Em segundo lugar, embora de fato haja uma Winesburg em Ohio, a de Anderson era ficcional – algo na linha do que Roth faz ao embaralhar ficção e realidade (aliás, Marcus tem os 19 anos que seu criador tinha na época).

É em Winesburg que Roth trabalhará outros temas permanentes: a luta pela integridade moral em uma sociedade ora moralista, ora moralmente difusa, a força castradora das convenções, o estrotondo peso que o sexo exerce sobre nós. Lá, Marcus conhece a desinibida Olivia Hutton – não tarda para que o que é erótico vire neurótico. E, ao fim do estupefaciente encontro inicial dos dois, Roth entrega um par de páginas sublimes.

Embora essa sequência já tenha sido citada por diversas resenhas, inclusive aludindo a uma obra-prima da literatura brasileira, convém não revelar seu teor, para não privar o leitor da epifania. Essa passagem também muda nossa percepção da história – a de Marcus e mesmo a de nossa trajetória. Porque, num processo análogo ao do personagem e ao do autor (para quem a perda da memória é o maior pavor na tragédia da velhice), somos intimados a rever cada minúcia da vida, somando essas bagatelas de existência e todos os "se eu..." na esperança de que, no inevitável fim, possamos olhar para trás e ver mais do que "uma quimera muito, muito longínqua".

## Por que ler Philip Roth?

Candidato assíduo ao Prêmio Nobel, maior escritor americano vivo, Philip Roth não chega a ser best-seller no Brasil – mas, em um país onde as edições costumam ter de 2 mil a 3 mil cópias, tampouco são modestas as tiragens de seus livros. Dos mais recentes, *Homem Comum* foi um sucesso: três reimpressões e 18 mil exemplares. *Fantasma Sai de Cena* chegou aos 13 mil. *Indignação* sai com 7 mil exemplares – 10% da tiragem inicial de *Leite Derramado*, o mais novo Chico Buarque. A convite de ZH, seis ilustres leitores gaúchos explicam por que Roth é imprescindível nas nossas bibliotecas:

### LUIS AUGUSTO FISCHER

Professor e escritor, autor de "Quatro Negros"

"O que tem na ficção dessa figura tão importante de nossos dias: (1) A vida de todos nós, gente de classe média confortável e culta, passada pelo filtro da inteligência. (2) Um completo destemor em relação aos clichês e às restrições tolas da chamada correção política (nem todas são tolas, mas algumas são desprezíveis; discernir entre elas já é uma operação relevante, que ele faz bem). (3) Uma fluência narrativa admirável, que nos faz ler como se estivéssemos observando aquele enredo sem a mediação das palavras. (4) Protagonistas heterossexuais sem culpa de sê-lo. (5) Discreta mas eficiente visão crítica da vida de nosso tempo, em particular da vida do império de nosso mundo, a terra dele, os EUA. (6) A neurose nossa de cada dia tratada como deve – como matéria-prima de histórias comuns, mas vistas pela lente certa. (7) O romance como forma de estar no mundo, não de fugir a ele. (8) Vida adulta vertida em histórias, quer dizer, literatura feita com isso mesmo que nos faz sofrer e vibrar, casamento, separação, paternidade, conflito, raiva do poder absurdo de instituições que invadem nossa vida privada, a iminência nunca afastada da morte."

**3 livros recomendados:** O *Complexo de Portnoy*, *O Animal Agonizante* e *Entre Nós* (volume de entrevistas e ensaios com e sobre outros escritores).

### CINTIA MOSCOVICH

Escritora, autora de "Duas Iguais"

"Os livros de Roth são daqueles que se lê com prazer, com vontade, porque é literatura feita com rara ironia e consequente sentido de humor – e dispensando mesmo o menor traço de autoindulgência. Roth tem uma narrativa sedutora, além de absolutamente contemporânea, sem que aquilo que ele escreva seja, em absoluto, datado."

**3 livros recomendados:** "A trilogia *Pastoral Americana*, *Caséi com um Comunista* e *A Marca Humana* é um dos colossos do Ocidente. A gente consegue entender não só a América, mas o desastre em que se tornou o mundo, e cada indivíduo sobre ele, depois das duas grandes guerras."

### MOACYR SCLIAR

Escritor, autor de "Manual da Paixão Solitária"

"Expoente do chamado "grupo judaico" da literatura norte-americana, Philip Roth examina a sociedade de seu país com a distanciada mirada do filho de imigrantes: um olhar crítico, penetrante, não raro irônico, e que se transforma numa prosa elaborada e ao mesmo tempo fascinante. O papel que os EUA desempenham no mundo transforma-o num autor universal."

**3 livros recomendados:** *O Complexo de Portnoy*, *A Marca Humana* e *Pastoral Americana*.

### CLAUDIA TAJES

Escritora, autora de "Dez (Quase) Amores"

"Um livro do Philip Roth é o melhor lugar para não se encontrar jamais um crime perfeito, uma saga, uma mulher em crise, uma civilização distante. E essa é a grande razão para ler Roth: ele escreve sempre sobre o misterioso homem comum. E mesmo que esse homem seja um judeu norte-americano intelectual, e ainda que um dia acorde transformado em um peito feminino, ou se masturbe até com um figado gelado que comprou no açougue, ele é feito de conflitos e sentimentos conhecidos por todos os leitores. O autor só não acerta quando seus personagens descrevem a roupa da mulher por quem estão interessados, e essa é mais uma das virtudes dele: Philip Roth não entende nada de moda. E só um homem clássico assim para escrever com tanta propriedade sobre o que atormenta um homem."

**3 livros recomendados:** "Posso dizer três personagens? David Kepesh (de *O Peito*, *O Professor de Desejo* e *O Animal Agonizante*), Nathan Zuckerman (de nove títulos, como *Fantasma Sai de Cena* e *O Averso da Vida*) e Alexander Portnoy (*O Complexo de Portnoy*)."

### MICHEL LAUB

Escritor, autor de "O Gato Diz Adeus"

"Porque é um escritor completo, um dos pouquíssimos em atividade. A obra dele abrange todos os temas importantes, tanto os grandiosos – política, história, cultura, sociedade – quanto os íntimos – amor, sexo, morte, culpa. E faz isso misturando vários registros narrativos, do realismo à fantasia, da solenidade ao humor, em livros que ao mesmo tempo conseguem ser profundos e fluentes, tristes e divertidos."

**3 livros recomendados:** *O Teatro de Sabbath*, *A Marca Humana* e *Homem Comum*.

### SERGIUS GONZAGA

Secretário Municipal da Cultura e professor de Literatura

"Ler Philip Roth é uma experiência tão vertiginosa quanto asfixiante. Em primeiro lugar, porque o seu realismo sincrético (todas as conquistas técnicas da ficção ocidental do século 20 com o máximo de verossimilhança) possibilita um notável registro totalizante da classe média americana, especialmente dos núcleos mais intelectualizados. Em segundo, porque seus temas são os temas dilacerantes da contemporaneidade: a luta do indivíduo contra uma sociedade dominada pela alienação, pelo conformismo e pela demagogia do politicamente correto; a angústia metafísica dos personagens diante da passagem do tempo; e o esforço de resistência de alguns seres no sentido de afirmar seu protesto contra a realidade através de uma vida pessoal libertária e baseada em valores autênticos."

**3 livros recomendados:** *Pastoral Americana*, *Fantasma Sai de Cena* e *O Animal Agonizante*.

## Entrevista | Jorio Dauster |

TRADUTOR DE "INDIGNAÇÃO"

# Salinger, Nabokov, Roth, McEwan. Jorio Dauster só traduz gigantes

Depois de sete livros em sequência, a tradução de Philip Roth trocou de mãos. Saiu o professor, poeta e contista carioca Paulo Henriques Britto, 57 anos, e entrou o diplomata e consultor de empresas Jorio Dauster, 71, seu conterrâneo. A *Companhia das Letras* diz que se trata só de uma questão de agenda (Britto é um profissional muito requisitado). De qualquer forma, o leitor não precisa se preocupar: Roth está em boas mãos. Dauster verteu para português três obras de J.D. Salinger e 10 de Vladimir Nabokov, incluindo os clássicos *O Apanhador no Campo de Centeio* (em 1965) e *Lolita* (na versão mais recente, de 1994). Depois de *Indignação*, pegou dois Ian McEwan, O Jardim de Cimento (já no prelo) e Amor Infinito. Ou seja, só trabalha com autores consagrados.

– Encaro as traduções como um hobby, e não como uma ocupação – diz Dauster em entrevista por e-mail.

– Só aceito trabalhar com autores de que gosto e sem prazos rígidos de entrega, o que permite que cada obra se transforme num prazer e jamais numa obrigação.

## Zero Hora – Qual o tamanho do papel de um tradutor no êxito de um livro?

Jorio Dauster – Uma boa tradução não salva um mau livro, mas uma má tradução pode afundar um bom livro. No entanto, vejo o autor como um artista e o tradutor como um artesão. Dito isso, é interessante observar que Philip Roth exige de suas editoras que remunerem o tradutor por cada livro vendido, o que constitui uma inusitada manifestação de respeito a uma classe de colaboradores que não costuma ser prestigiada no Brasil.

ZH – Eric Nepomuceno diz que, quando traduz García Márquez, vai vertendo já na primeira leitura, para ter a possibilidade de se encantar com a história enquanto traduz – ao passo que a maioria dos tradutores prefere fazer uma ou até duas leituras do original antes. Qual é seu método?

Dauster – Com raríssimas exceções, leio antes o livro para sentir seu clima e o tratamento dado a cada personagem, uma vez que tudo isso termina por se refletir na tradução. Mas o Nepomuceno é craque e, conhecendo profundamente o García Márquez, pode tocar de ouvido sem atravessar o samba.

ZH – É mais fácil trabalhar com um autor do calibre de Roth – embora a responsabilidade também seja maior – do que com um menos ta-



rimbado? Melhor trabalhar com um autor vivo, que pode ser consultado, ou não há diferença?

Dauster – Obviamente, traduzir é uma experiência muito mais densa do que ler. Significa conviver com o autor por semanas a fio, desvendar seus macetes, até se irritar com algumas manias ou tiques estilísticos. E é por isso que só traduzo autores que admiro e cujos textos merecem ser tratados com absoluto respeito. No entanto, como nunca enfrentei o equivalente em outro idioma a Guimarães Rosa, não senti a

necessidade de consultar o autor, sendo assim indiferente que ele esteja vivo ou morto.

ZH – Na mesma linha, melhor traduzir uma obra contemporânea, como *Indignação*, ou retrabalhar um clássico, como o senhor fez em *Lolita*?

Dauster – Não faço este tipo de distinção, e acho mesmo que a obra de Nabokov é tão "contemporânea" quanto a de Roth. Não "retrabalho" o texto anterior e nem tive a preocupação de "atualizar" a linguagem do livro, pois simplesmente abordei *Lolita* como se ela tivesse saído na véspera da pena do autor. Seja como for, para os curiosos em literatura, é possível cotejar duas visões da mesma obra, verificando como podem variar as percepções de quem a interpreta e como é rica a língua portuguesa para sustentar versões tão diferentes.

ZH – O senhor é contemporâneo de Roth. Nasceu em 1937, e ele, em 1933. De que maneira os livros dele, tanto aqueles sobre o peso da velhice quanto aqueles que relembram as inquietações da juventude, dialogam com sua própria vida?

Dauster – As angústias existenciais de Roth pertencem a todos nós, independentemente do local de nascimento e da idade. Mas há nele uma carga cultural muito forte como judeu de Newark que não encontra nenhum paralelo no carioca de uma família sem condicionamentos religiosos.

ZH – O senhor já se lançou à ficção?

Dauster – É bem possível que o fato de traduzir autores tão bons por tanto tempo possa ter contribuído para impedir-me de produzir algo inferior. Em nome da preservação das florestas, eu sugeriria que mais gente se dedicasse ao nobre ofício de servir como porta-voz de seus melhores no resto do mundo em vez de lançar livros que nada trazem de novo.

## O escritor no cinema

Cinco histórias de Philip Roth já foram levadas para o cinema ou a TV. Richard Benjamin protagonizou *Paixão de Primavera* (1969), título brasileiro para a versão de Adeus, Columbus, e *Complexo de Portnoy* (1972). *The Ghost Writer* virou telefilme em 1984 – e tinha no elenco Claire Bloom, futura mulher do autor (ficaram juntos de 1990 a 1995).

Em DVD, estão disponíveis as adaptações de *A Marca Humana* (*Revelações*, de 2003), estrelada por Anthony Hopkins e Nicole Kidman, e *O Animal Agonizante* (*Fatal*, 2008), com Ben Kingsley e Penélope Cruz nos papéis principais.

O próximo longa deve ser *Pastoral Americana*, por Phillip Noyce (o mesmo diretor de *O Americano Tranquilo*, baseado em John Le Carré). No provável elenco, Paul Bettany e Jennifer Connelly.



Ben Kingsley e Penélope Cruz em "Fatal", versão de *O Animal Agonizante*

## Nilson Souza

E-mail: nilson.souza@zerohora.com.br

# Abrindo a alma

Ninguém é o remédio da felicidade do outro, alerta o psicoterapeuta Flávio Gikovate no seu divã eletrônico, apresentado nas noites de domingo pela Rádio CBN. Ele fala prioritariamente de relacionamentos afetivos. Responde a perguntas dos ouvintes, especialmente das ouvintes, porque as mulheres abrem muito mais o coração e a intimidade. Fico estupefocado de ouvir o que as pessoas revelam publicamente sobre suas venturas e desventuras amorosas. Mas o nosso consultor não se espanta com nada. Tem respostas prontas e rápidas para todas as situações, por mais escabrosas que pareçam. E, pelo que li a respeito dele, tem também autoridade para isso: é médico psiquiatra, com formação no Exterior, autor de livros sobre o tema e palestrante reconhecido.

Sempre que o ouço, fico pensando como uma pessoa assim – com solução para as dúvidas de todos os que o consultam – resolve os seus próprios dilemas. Sei que os analistas se analisam com colegas, parece que isso é até condição para o exercício profissional. Mas é curioso imaginar que alguém capaz de apontar caminhos para os mais intrincados dramas da alma humana se veja de vez em quando preso no labirinto de seus próprios impasses, sem o fio de Ariadne para encontrar a saída. Não estou me referindo especificamente ao doutor Gikovate, nada sei da sua vida. Espero que ele seja muito feliz e que não tenha conflitos como os que atormentam seus consulentes. Se os tiver, porém, duvido que tente resolvê-los com um telefonema ou um e-mail.

Mas vivemos na era da exposição extrema. Outro dia li sobre uma escritora que saiu pelas ruas de uma grande cidade brasileira com um gravador nas mãos, solicitando a pessoas desconhecidas que relatassem alguma história de suas vidas. Em pouco tempo, recolheu conteúdo suficiente para escrever um livro repleto de detalhes e inusitados dramas pessoais e familiares. Os entrevistados não pediam sigilo sobre os nomes citados, nem sequer perguntavam qual era a finalidade do trabalho. Ficou para ela – e para mim também – a impressão de que as pessoas andam carentes de alguém que as ouça e ficam ainda mais motivadas a falar quando sabem que o relato será registrado para posterior divulgação.

Aí, talvez, esteja a explicação para o sucesso da psicanálise, que oferece respostas sensatas e científicas para os dilemas da alma. Mas também é nesse vácuo afetivo que agem os oportunistas e algumas seitas escancaradamente capciosas. É fácil penetrar em corações vulneráveis. Talvez não haja um remédio efetivo para as dores emocionais – como alerta o doutor Gikovate. Mas, pelo jeito, falar alivia.

Leia a íntegra da entrevista com Jorio Dauster e trecho do livro "Indignação" no blog [www.zerohora.com/mundolivre](http://www.zerohora.com/mundolivre)

